

ESPECIAL

‘É a interrupção de um ciclo’

O juiz Mario Romano Maggioni é implacável contra pais irresponsáveis. Para ele, crianças são prioridade absoluta e devem ser mantidas à distância de bêbados, drogados e criminosos.

Aos 47 anos, o juiz farroupilhense acredita que as chances de construir uma sociedade melhor passa pelo resgate imediato dos filhos de famílias problemáticas, ao contrário do entendimento de muitos juízes. O magistrado forjou essa convicção em 12 anos julgando processos de destituição familiar e adoção.

– Não adianta manter essas crianças em um núcleo desestruturado como diz a lei porque, na prática, a vida delas dificilmente muda. Porque então não recomeçar em outras famílias? – questiona Maggioni.

Atualmente, a meta do juiz é facilitar a adoção para estrangeiros. A medida ampliaria a chance de adolescentes encontrarem uma família, uma vez que essa faixa etária raramente desperta o interesse de adultos no Brasil. Confira trechos da entrevista ao Pioneiro:

Pioneiro: Ao contrário de muitos magistrados, o senhor não tem o costume de manter crianças com pais problemáticos para salvar o núcleo familiar. Prefere colocá-las em famílias mais estruturadas. Por quê?

Mário Romano Maggioni: Na ver-

dade, a lei determina que se mantenha a criança na família extensa. O conceito de família extensa é muito amplo, envolve avós, tios e parentes de qualquer natureza, inclusive vizinhos com vínculo afetivo e salutar. A questão é que parece haver uma certa contradição porque quando tu pega uma criança em situação de risco é porque os pais não deram conta. Esses pais, por sua vez, não tiveram uma boa educação. Se a família extensa gerou um pai drogado é grande a probabilidade de gerar mais um filho drogado. Na psicologia muito se fala da tendência de

alguém repetir a história dos seus pais e avós sucessivamente. Lógico que não é uma repetição idêntica, mas semelhante. No meu entendimento não há porque ficar insistindo com essa pessoas, porque quando se analisa o núcleo familiar, a maioria dos avós ou tios já foram presos ou estão presos. Ou são usuários de álcool e drogas ou não sabe o paradeiro deles, não há vinculação da família com essa criança. São situações alarmantes. Insistir em manter crianças nessas famílias é perda de tempo, embora se faça sempre todo um trabalho de investimento na família biológica.

Pioneiro: A Justiça tem obtido bons resultados em manter crianças em situação de risco com suas famílias biológicas?

Maggioni: Infelizmente, não. O que acontece: muitas vezes quando a situação é grave, há um acolhimento institucional temporário da criança. Paralelamente, se faz um trabalho com a família, de acompanhamento. É raro uma família que não volte a ter problemas. Quando há um núcleo familiar desestruturado, é extremamente difícil alguém conseguir recuperar.

Pioneiro: Qual é a razão de tantas famílias destruídas?

Maggioni: Algumas são porque os pais quiseram entregar os filhos para adoção, mas isso é uma minoria. A maioria envolve pais e mães usuários de drogas e álcool. O crack se sobressai. Temos casos de prostituição, mas por si isso não é motivo para tirar as crianças de uma família. O que conta é abandono de crianças, que ficam sozinhas em casa, o uso de drogas na gravidez, a falta de exame pré-natal, mulheres que vivem na rua. Temos o caso de uma mulher que volta e meia perdefamos contato. Ela foi morar em um ônibus abandonado em Bento Gonçalves. Também enfrentamos casos de grávidas dormindo em contêineres de lixo ou vivendo em casas abandonadas com cinco ou seis drogados. A quantidade mostra que não são casos isolados, é uma tendência.

Pioneiro: Por mais mais drogados e irresponsáveis que sejam os pais, nem todos os filhos querem ficar longe.

Maggioni: É um fato relevante. Tive um caso de um pai muito drogado.

As crianças não tinha ligação com a mãe, mas sentiam um afeto muito grande por ele. Esse pai ateou fogo na casa, vendia as fraldas dos filhos que ganhava da assistência social. Houve destituição do poder familiar, mas enfrentamos dificuldades porque havia uma vinculação muito forte na família. Mas reitero: não adianta ter afeto se ele é destrutivo. Isso não é saudável, não vai fazer bem às crianças. Tenho certeza que elas estão muito melhor em famílias substitutas ou em casas de acolhimento.

Pioneiro: Farroupilha tem muitas crianças em situação de risco?

Maggioni: Infelizmente, sim. Tem alguns focos que vão se modificando com o tempo. Hoje, o maior deles é o bairro Industrial. Crian-

que não tenham as mínimas condições de cuidar de seus filhos, mas é grande a probabilidade.

Pioneiro: O que se pode fazer para amenizar esse problema?

Maggioni: É uma tarefa do poder público, mas também da comunidade. Se constrói uma sociedade decente a partir do momento que todos dão sua parcela. Quem não tem condição mínima de ter um filho que não o tenha. Se essa pessoa vier a ter um filho e o Ministério Público demonstrar que essa pessoa não tenha condições, como tem acontecido, eu destituo a criança da família.

“Quem não tem condição mínima de ter um filho que não tenha”

Pioneerio: As destituições aumentaram?

Maggioni: Não tem como dizer se é mais ou menos. Em Farroupilha te-

mos bastante casos. As destituições acontecem mais aqui por causa da vinculação entre postos de saúde, agentes comunitários de saúde, assistência social do município, hospitais, conselho tutelar, Ministério Público, escolas. É uma rede que está interligada. Quando há um problema grave, isso vem para o Judiciário por conta dessa articulação. Se não houver uma rede, o Judiciário nem ficará sabendo. Tenho convicção de que dessas crianças que destituímos, se não fossem para adoção, 50% delas dariam problemas futuros. É a interrupção de um ciclo. **SEGUE**



MAGGIONI

Atuando há 12 anos na Vara da Infância e Juventude, o magistrado está convicto de que não vale o esforço de manter crianças em famílias problemáticas